



Muito Além do Milhão

Por Qhele Jemima e Ícaro Rebouças

Artigo analisa a experiência da TV UNEB como lugar de produção, distribuição e consumo de filmes documentários.

Mais de um milhão e meio de visualizações no YouTube. Um filme que nasce pensado para dar voz às mulheres do cangaço, mas que, como bem diz um dos seus diretores, professor Manoel Neto, mostrou um caminho mais complexo na direção do **Feminino**, que diz respeito ao modo como a presença das mulheres passou a atravessar transversalmente todo o cangaço.

Na outra janela do player, uma mulher sertaneja narrando sobre como é ser parida e criada na roça, longe de tudo que inventavam, e que ao chegar na universidade descobre um modo de registrar o auge da sua tomada de consciência acerca do próprio empoderamento feminino e social. Um filme de Michele sobre 'Michele Mesma', que depois de aprovado como trabalho de conclusão em sua graduação, faz nascer uma cineasta, diretora, fazedora de filmes, que, em parceria com a TV UNEB ganharam o Brasil em festivais e mostras.

Tem ainda **'Mãe Ana de Xangô, lalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá'**, que em filme para celebrar os 150 anos de Mãe Aninha, fundadora do referido terreiro, lembra da importância da educação como instrumento de transformação social. Com mais de 74 mil visualizações no canal do Youtube da TV UNEB, este documentário reitera, entre outras coisas, o lugar da UNEB na promoção de políticas públicas de inclusão, valorização da cultura local e incentivo a democratização do acesso à informação, sendo meio para "ver os filhos de Mãe Aninha de anel no dedo, aos pés de Xangô".

Trazemos aqui três exemplos de filmes que atravessam, em tempos diferentes, a história de mais de uma década da TV da Universidade do Estado da Bahia, a TV UNEB. Cada um sob sua perspectiva, eles reafirmam

o lugar da produção audiovisual na universidade, hora como base para ensino e aprendizagem, outra como apoio para realização de uma pesquisa em memória e ainda, por iniciativa institucional.

É a partir desse recorte, e desejando fazer eco ao bom momento do cinema brasileiro, que dizemos "Estamos aqui", fortes, crescentes, potentes, e em profícua articulação com as centenas de TVs universitárias de todo Brasil, produzindo muito conteúdo, experimentação e oportunidades. É esse, pois, o tema da reflexão que trazemos, a partir da experiência da TV UNEB: o importante lugar da TV universitária como espaço de produção, distribuição e consumo de conteúdo, tais quais previstos nas teorias da Economia Política da Comunicação, e sempre com os olhos voltados para todas as novidades tecnológicas disponíveis no mercado.



Ainda sobre os filmes e a importância das mídias e plataformas digitais para distribuição do conteúdo das TVUs

Qual a imagem que lhe vem à cabeça ao pensar no Cangaço? Consegue imaginar as mulheres em primeiro plano nesse universo tão masculino? Ouvir sobre como entraram nos bandos, falar delas em uma narrativa onde são as heroínas e estão em destaque o tempo inteiro? O filme **Feminino Cangaço** é isso. É uma transmutação de olhar (VIANA, 2014). É sobre como a presença feminina transformou o cangaço, da estética ao modo de operar dos cangaceiros, e é um documentário feito por uma TV universitária.

Com trilha sonora original, *color grading*, mixagem de áudio, e muitos elementos técnicos típicos de um longa-metragem de alta performance, o modo como foi recebido pela internet também é um destaque do filme: depois de percorrer a TV aberta, TV a Cabo, festivais, mostras e algumas exposições programadas, ele surpreende com alcance de milhões no YouTube. Número que cresce e reverbera ainda hoje, e revela a importância do planejamento de conteúdo pensado com público-alvo e tema de nicho.

Depois dele, outro milhão em visualizações sobre a mulher no cangaço: o filme **Assim era Dadá**, produzido pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha, da UNEB, e também dirigido pelo professor Manoel Neto.

A continuidade é marca também de **Michele de Michele Mesma**. Novo filme da diretora baiana, “Notas da Tradição” é uma produção que ressoa saberes ancestrais, celebrando a música como resistência no sertão baiano. A produção encontra eco em tecnologias acessíveis, como celulares e câmeras portáteis, que

dialogam democraticamente com drones e um roteiro vivo e dinâmico.

“O filme é realizado em cooperação com a TV UNEB, parceira na difusão de conteúdos que dialogam com os territórios e os saberes populares, reforçando o papel da universidade pública como aliada da cultura e da comunicação comprometida com as vozes do interior baiano” (MENEZES, 2024).

Como descrito em seu release, desde seu lançamento, o documentário já passou por importantes festivais nacionais, como a 2ª edição do Festival Cine73 (Caraíva/BA), o 8º Festival de Cinema Baiano – FECIBA (Ilhéus/BA), a 2ª edição do Festival MICA (Maricá/RJ) em 2024, e a 2ª Mostra do Filme Independente de Ouro Preto (MG), em 2025. Foi premiado em 2º lugar pelo júri técnico no Festival MICA (RJ) e foi um dos filmes selecionados para representar a Bahia na 17ª edição do Festival Internacional do Documentário Musical (IN-EDIT BRASIL), realizada em São Paulo entre os dias 11 e 22 de junho de 2025 – um dos maiores eventos de cinema documental musical do país.

Outras muitas produções fílmicas revelam o lugar de difusão de conteúdo da TV Universitária da UNEB. De Juazeiro a Seabra, de Xique-Xique a Conceição do Coité, de educação do campo a robótica, muitos temas e territórios encontram espaço para experimentar, criar e produzir. E muitas parcerias são igualmente imprescindíveis para fazer o conteúdo circular. A exemplo da Associação Brasileira da televisão universitária – ABTU, sobre a qual falamos mais a seguir.



UNEB e ABTU impulsionam o audiovisual universitário como elo entre ciência, cultura e sociedade

Na cidade de Salvador, entre 18 e 20 de outubro de 2023, a Universidade do Estado da Bahia recebeu o **XVIII Fórum Brasileiro de Televisão Universitária**, um encontro que foi muito além das questões técnicas e provocou reflexões sobre como o audiovisual pode dar luz às pesquisas científicas e às práticas de

extensão, aproximando estudantes, pesquisadores e a comunidade.

Durante o Fórum, as oficinas integraram-se a mesas-redondas sobre democracia no audiovisual e pluralidade cultural. Em cada encontro, discutiu-se o papel da televisão universitária na construção de narrativas

capazes de influenciar pautas sociais e de dialogar com movimentos de base. Assim, ficou claro que formar comunicadores envolve não apenas o domínio técnico, mas também o despertar para o compromisso público de quem conta histórias.

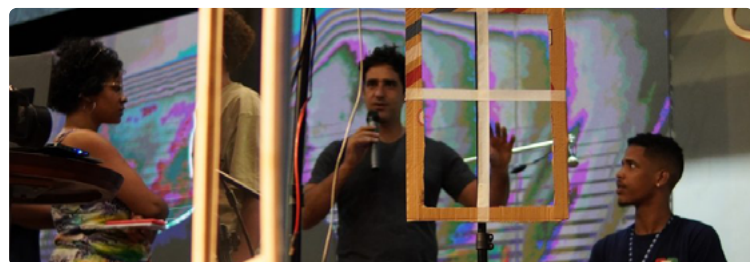
Na ocasião, aconteceu também a 1ª **Mostra Curtas ABTU**, que reuniu quase cinquenta instituições de todo o país e selecionou dez curtas-metragens de até 30 minutos para exibição no Teatro da UNEB. As obras exploram recortes regionais e temáticas urgentes:

- “Cadê o mamulengo que tava aqui” (UFS), que resgata tradições de teatro popular;
- “Desconcerto” (UFRB), sobre os desafios da mobilidade urbana;
- “Elisa” (UNIJORGE), que narra experiências de imigrantes;
- “Gasolina” (UFPB), um olhar crítico sobre o cotidiano nordestino;
- “Histórias que nos contam” (UFRB), depoimentos sobre memória coletiva;
- “Michele de Michele Mesma: Narrativas de uma mulher sertaneja” (UNEB), que destaca vozes femininas do sertão baiano;
- “Nossas profundezas” (UNIJORGE), um mergulho

em tradições afro-brasileiras;

- “Parada solicitada” (UNIFOR), reflexão sobre o universo LGBTQIA+ fora dos grandes centros;
- “User” (UNISC), vídeo-ensaio sobre redes sociais e identidade;
- “Ytwã” (UFBA), que aborda a cultura indígena na Bahia.

Cada sessão da Mostra transformou-se em ponto de encontro para debates, permitindo que público e realizadores discutissem a composição de imagens, as escolhas narrativas e o impacto social de cada obra. A presença de uma produção da própria UNEB reforçou o protagonismo local num contexto de projeção nacional, mostrando como o diálogo entre diferentes regiões enriquece a compreensão dos desafios e das potencialidades do Brasil.



ABTU Play: um palco inédito para produções

Se a Mostra acendeu os holofotes sobre esses talentos emergentes, a plataforma **ABTU Play** dá um passo além ao reunir, de forma gratuita, todos os curtas selecionados em um único repositório digital. Com ferramentas de busca por temática e dados de audiência, o ABTU Play aproxima as produções de novos públicos, professores que buscam material para aulas, pesquisadores interessados em padrões de recepção, e comunidades ansiosas por ver suas próprias narrativas na tela.

Essa iniciativa é uma revolução do **streaming**, uma plataforma desenvolvida pela Futura Produções, que permite o compartilhamento de conteúdo de forma rápida, eficiente e com baixo custo entre os associados da [ABTU](#). Além disso, é um convite para que a sociedade redescubra o patrimônio audiovisual universitário, configurando-se como uma experiência que valoriza o tempo e espaço, e funciona como um arquivo vivo que estimula a interdisciplinaridade e fortalece o compromisso da universidade com a democratização do conhecimento.

Desafios à vista

Não podemos deixar de celebrar os avanços, no entanto, é impossível negar a permanência dos desafios que seguem para garantir recursos regulares aos laboratórios de produção, integrar de forma efetiva a televisão universitária aos currículos de graduação, e preservar a autonomia editorial de cada emissora. É imprescindível que a experimentação continue alicerçada em princípios acadêmicos e não deslize para lógicas puramente comerciais.

Dito isso, ao converter projetos de ensino, pesquisa e extensão em narrativas audiovisuais que emocionam

e provocam, as TVs universitárias reafirmam seu compromisso de construir pontes entre a universidade e a sociedade, criando diálogos que atravessam as barreiras do espaço e tempo. A experiência da TV UNEB na produção de filmes documentários, que reverberaram fortemente no Fórum ABTU, e que encontram eco no projeto da ABTU Play, reiteram que uma produção audiovisual pode ser ponto de partida para debates, reflexões e transformações reais, afinal, é também na sala de aula - e agora nas multitelas - que podemos desenhar aquilo que chamamos de futuro.



Qhele Jemima

é mestra em Estudo de Linguagens pelo PPGEL- UNEB, com pesquisa sobre a TV Kirimurê - faixa do primeiro e único Canal da Cidadania em operação no Brasil. Possui graduação em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB e Especialização em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo SENAC. Projetou e implantou a TV Universitária da UNEB na internet em 2010, a qual coordenou até 2023. Respondeu pela Diretoria de Relações Institucionais da ABTU - Associação Brasileira de Televisão Universitária (Biênio 2022-2024) e foi membro do Conselho de Comunicação Social do Estado da Bahia (Biênio 2018-2020). Professora e pesquisadora nas áreas de Comunicação Pública e Assessoria de Comunicação, com ênfase em: Televisão Universitária, TV pública e educativa e Políticas públicas para radiodifusão.

Contato: qjmelo@uneb.br



Ícaro Rebouças

é coordenador da TV Universitária da Universidade do Estado da Bahia desde, TV UNEB, desde 2024. Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade do Estado da Bahia, especialização em Jornalismo pela Facuminas e em Comunicação Organizacional com ênfase em Assessoria de Imprensa pela Faculdade 2 de Julho. Atua nas áreas de assessoria de comunicação, gestão da comunicação, produção de rádio e TV, produção de texto jornalístico e gerenciamento de redes sociais.

Contato: ibatista@uneb.br